

**NATUREZA E GRAÇA
EM BLAISE PASCAL**

Coleção **FILOSOFIA EM QUESTÃO**

- *Pensamento ético contemporâneo*, Jacqueline Russ
- *Pensar com Emmanuel Lévinas*, Benedito Eliseu Leite Cintra (eBook)
- *Nietzsche: viver intensamente, tornar-se o que se é*,
Mauro Araujo de Sousa
- *Nietzsche: para uma crítica à ciência*, Mauro Araujo de Sousa (eBook)
- *Introdução a Ricoeur*, Domenico Jervolino (eBook)
- *Introdução à mitologia*, José Benedito de Almeida Júnior
- *A formação da pessoa em Edith Stein: um percurso de conhecimento do núcleo interior*, Adair Aparecida Sberga
- *Descartes e a morte de Deus*, Joceval Andrade Bitencourt (eBook)
- *A religião em Nietzsche: “eu acreditaria num Deus que soubesse dançar”*,
Mauro Araujo de Sousa
- *Descartes e a invenção do sujeito*, Joceval Andrade Bitencourt
- *Discurso sobre o fim da metafísica*, Urbano Zilles
- *Fundamentos da antropologia filosófica e pedagógica de Edith Stein: guia para o estudo de conceitos das obras da trilogia fenomenológica e da obra A estrutura da pessoa humana*, Adair Sberga
- *Justiça, tolerância e liberdade*, Mauro Cardoso Simões
- *Natureza e graça em Blaise Pascal*, Luís César Guimarães Oliva

Luís César Guimarães Oliva

**NATUREZA E GRAÇA EM
BLAISE PASCAL**



PAULUS

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Darlei Zanon*

Coordenação editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*

Assistente editorial: *Cristiane Barbosa Cardoso*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *André Tadashi Odashima*

Coordenação de design: *Elisa Zuigeber*

Imagem de capa: *iStock*

Capa e diagramação: *Paulo Cavalcante*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Oliva, Luís César Guimarães

Natureza e graça em Blaise Pascal / Luís César Guimarães Oliva. - São Paulo : Paulus, 2023.

(Coleção Filosofia em questão)

Bibliografia

ISBN 978-85-349-5159-3

1. Filosofia francesa 2. Pascal, Blaise, 1623-1662 I. Título II. Série

23-3315

CDD 194

Índice para catálogo sistemático:
1. Filosofia francesa



Conheça o catálogo PAULUS acessando:

paulus.com.br/loja, ou pelo QR Code.

Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5159-3

*Para a realização da pesquisa que deu origem a este livro,
o autor teve apoio do CNPQ (processo 424291/2018-5)
e da FAPESP (processo 2018/19880-4).*

Para Franklin Leopoldo e Silva.

Introdução

É sempre difícil retornar aos trabalhos de juventude. Cheios de pequenos defeitos e imprudências, eles nos assustam, pois nos colocam de frente com as limitações do jovem pesquisador que fomos. Por isso, sempre tive restrições a publicar minha dissertação de mestrado (*A questão da graça em Blaise Pascal*, defendida na USP no final de 1996). No caso do doutorado, a tese me pareceu mais madura, o que, junto com exigências da carreira, me fez submetê-la para publicação pouco depois da defesa. Já a dissertação de mestrado ficou na gaveta. Defendida quando eu tinha apenas 25 anos, depois de um período de mestrado relativamente curto, e contendo vários trechos escritos ainda durante o processo de iniciação científica, o trabalho me parecia imperfeito demais para publicação,

embora algumas partes mais bem-acabadas tenham saído posteriormente na forma de artigo. Publicar o trabalho todo, nem pensar! Apesar da boa recepção pela banca (composta por insuspeitos avaliadores nietzschianos e espinosanos), eu encontrava na dissertação desequilíbrios estilísticos e de conteúdo, resquícios de imprecisões metodológicas não totalmente corrigidas e, sobretudo, uma conclusão com a qual, poucos anos depois, eu já não concordava totalmente. É verdade que posteriormente, em estágio no exterior durante o doutorado, percebi o acerto da escolha do tema (a graça): nas livrarias e bibliotecas francesas, vi que, durante o período de meu mestrado e sobretudo nos anos subsequentes, haviam sido publicados na Europa vários livros tratando direta ou indiretamente da teologia pascaliana. Portanto, sem muita consciência (visto que a biblioteca pascaliana da USP, na época, não ia além dos anos 70, e a internet apenas engatinhava), eu havia me aventurado por uma seara promissora e pouco explorada no início dos anos 90, chegando a resultados próximos daqueles que viriam à luz na Europa, no final da década. A imaturidade do texto, porém, não me autorizava a mudar seu destino: a gaveta.

Foi na sala de aula que comecei a perceber a importância da recuperação daquele trabalho. Ensinando alunos de primeiro ano, vi-me diante da escassez de bibliografia em português sobre Pascal. Para além do brilhante livro introdutório de Gérard Lebrun, só havia alguns belos artigos de meu orientador, Franklin Leopoldo e Silva, e duas teses recentes, as quais, como a minha de doutorado,

já transformada em livro (*As marcas do sacrifício*. Fapesp/Humanitas, 2004), eram excessivamente especializadas para servir de bibliografia básica para a graduação. Foi então que minha dissertação de mestrado voltou a ser útil, não tanto pela discussão específica sobre a noção de graça, mas por toda a primeira parte, que abordava os principais temas da filosofia pascaliana de maneira clara e direta, mostrando como todos eles apontavam para a necessidade de enfrentar a questão central. Isso fez que minha dissertação, bem mais do que minha tese de doutorado, fosse lida e citada por alunos e, posteriormente, pesquisadores da filosofia de Pascal.

Publicar, porém, exigiria uma extensa revisão do trabalho, que eu não me via em condições de fazer, não mais por duvidar da relevância da empreitada, mas por ter-me voltado para outras praias da filosofia moderna. Foram muitos anos em que me dediquei a outros filósofos, principalmente Leibniz e Espinosa, deixando Pascal um pouco de lado, a despeito de nunca ter parado de orientar, participar de eventos e buscar, na medida do possível, inteirar-me da bibliografia mais recente sobre o pensador francês. Em meados da década passada, por ocasião de um novo curso sobre Pascal, ministrado depois de longo intervalo, propus-me a iniciar a revisão da dissertação. O resultado, entretanto, foi que a revisão mostrou-se impossível. Eu já não era mais o jovem estudante dos anos 90, seja pessoalmente, seja intelectualmente ou politicamente. Em meados dos anos 2010, eu já não concordava mais com ele, de modo que o que se impôs foi uma reescrita total

do texto, abordando os mesmos temas, mas com meus olhos de hoje. Depois de várias interrupções, o projeto foi oficialmente retomado em 2019, por ocasião de um projeto para o CNPQ, e pôde ser concluído até o início de 2021, já nos tristes tempos da pandemia de Covid-19.

A primeira parte da dissertação, mais geral, foi inteiramente reescrita, deixando poucos traços do trabalho original. Embora as ideias fundamentais já estivessem em 1996, a discussão epistemológica aprofundou-se muito; o debate com o ceticismo, apenas pincelado na dissertação, ganhou corpo; a noção de amor-próprio adquiriu uma centralidade inesperada, além de abrir espaço para a política; e, finalmente, a aposta mereceu um detalhamento inédito. A segunda parte da dissertação é a que mais se faz presente no livro atual, e os leitores que já a conheciam perceberão vários trechos familiares, embora totalmente reordenados. Como bons pascalianos, porém, eles saberão que a mudança da ordem das matérias não é pouca coisa. Além disso, os anos de estudo me permitiram um aprofundamento histórico que eu não podia oferecer na época do mestrado, o que fica particularmente visível no longo e fundamental capítulo sobre a noção de natureza. O último capítulo, dedicado especificamente à noção de graça, resultou de uma fusão dos dois últimos capítulos da dissertação e, paradoxalmente, é aquele em que trago a divergência mais expressiva com o texto original. Em 1996, fiz um enorme esforço para conciliar as noções de graça e livre-arbítrio, o que se mantém aqui, mas não mais com a pretensão de fazer do livre-arbítrio

pascaliano algo que, mesmo remotamente e com várias restrições, ainda guardasse semelhanças com a liberdade de indiferença. Por outro lado, vejo hoje um aspecto que passou despercebido em 96: a força da experiência da contingência para o cristão.

A tese central da dissertação, todavia, se mantém neste livro. A ideia de natureza perpassa toda a discussão filosófica dos *Pensamentos*, constituindo-se no conceito fundamental do projeto apologético pascaliano. Por isso, os diversos temas tratados na primeira parte do livro (*Natureza e razão*) ajudam a construir a noção, seja na descrição da condição humana, seja como um ideal de completude, que faz esta mesma condição ser percebida como privação e carência. A partir desse quadro, a noção de graça divina surge como a única via capaz de preencher o vazio que a noção de natureza denuncia, embora este preenchimento não dependa de nós. Da natureza à graça, o pensamento pascaliano se apresenta como um conjunto que faz sentido, mesmo que o filósofo não tenha pudores em reconhecer que a razão não pode apreender plenamente esse sentido. “*Et pour cause.*” A grandeza da razão está justamente em saber o que lhe escapa. Por isso, a filosofia aponta para a teologia, que será largamente explorada na segunda parte do trabalho (*Natureza e graça*), a qual também dá nome ao livro.

Mesmo nas partes, inevitavelmente mais árduas, em que tive de reconstruir longos debates teológicos, espero ter conseguido dar vida e interesse filosófico para as discussões. Afinal, tanto em 1996 como em 2021, meu intuito

não foi outro senão iluminar questões que ficam à sombra para o leitor-filósofo, mas sem as quais o pensamento pascaliano não pode ser plenamente entendido. Por isso, apesar do aprofundamento e do maior detalhamento histórico em relação à dissertação original, creio que o livro ainda é convidativo para leitores novatos, podendo servir de porta de entrada para o pensamento pascaliano, bem como trazer contribuições não desprezíveis para os especialistas.

Blaise Pascal¹ nasceu em Clermont-Ferrand, interior da França, em 19 de junho de 1623, filho de Etienne Pascal e Antoinette Begon, a qual viria a falecer três anos depois. Etienne Pascal era uma figura prestigiada na pequena cidade, tanto pelo cargo importante que ocupava (era vice-presidente da Cour des Aides, um tipo de tribunal de impostos) quanto por ser notório conhecedor de matemática e física. Após a morte de sua mulher, decide ocupar-se pessoalmente da educação dos filhos Gilberte (a mais velha dos três), Jacqueline (a caçula) e sobretudo Blaise, que, desde cedo, mostra-se uma criança particularmente dotada.

¹ As informações desta rápida biografia não se pretendem nem de longe exaustivas; visam apenas situar minimamente o contexto dos escritos pascalianos que serão comentados em detalhe depois. Nossa apresentação se baseia em vários comentaristas de Pascal, mas sobretudo em: MESNARD, Jean. *Pascal, l'homme et l'oeuvre*. Paris: Hatier-Boivin, 1956 (um trabalho introdutório, porém profundo e rigoroso, como tudo que produziu o comentarista francês); e também: ATTALI, Jacques. *Blaise Pascal, ou o gênio francês*. Bauru: Edusc, 2003 (leitura deliciosa e riquíssima em informações, mas cujo autor se permite muitas especulações, sem a mesma preocupação documental de Mesnard).

Em 1631, quando Blaise tem 8 anos, Etienne Pascal abandona seu cargo, muda-se para Paris e coloca boa parte de sua fortuna em títulos públicos, podendo, assim, viver de rendas e dedicar-se exclusivamente à educação dos filhos e a seus interesses científicos. Estes, aliás, iam além do mero diletantismo, tanto que Etienne tornou-se participante assíduo da Academia de Mersenne, um círculo de sábios que se reunia periodicamente para discutir as mais recentes novidades em matéria científica (por vezes, descobertas por eles mesmos). Dessas reuniões, participavam conhecidos matemáticos, como Desargues e Roberval, mas elas já seriam assaz importantes apenas pelas informações e esclarecimentos trazidos pelo próprio Padre Mersenne, a partir de sua prolífica correspondência com as principais mentes da Europa (as famosas *Segundas objeções às Meditações* de Descartes, organizadas e redigidas por Mersenne, são prova disso). Era bebendo nesse ambiente intelectual inovador, que Etienne preparava a formação de seu filho, infinitamente distante daquela que o menino teria tido em instituições tradicionais, ainda fortemente marcadas pela filosofia escolástica (como o famoso colégio jesuíta de La Flèche, onde estudou Descartes). Conforme o relato de Gilberte, a principal máxima dessa educação era manter sempre o menino acima de sua tarefa, o que fez, por exemplo, que o latim não lhe fosse ensinado antes dos 12 anos (diferentemente do que ocorria nos colégios), a fim de fazê-lo mais tarde com maior facilidade. Antes disso, o pai lhe ensinara a natureza das línguas e a maneira como se submeteram a regras gramaticais,